Universidade de Brasília | Departamento de Teoria Literária e Literaturas | Programa de Pós Graduação em Literatura

UnB

20 anos grupo de estudos em literatura brasileira contemporânea

RELATOS E MEMÓRIA: UMA COMPARAÇÃO DE *FELIZ ANO VELHO* E *AINDA ESTOU AQUI*

Bruna Santos Pereira - Mestranda UnB Orientador: Anderson da Mata

RESUMO:

Este trabalho compara as passagens em comum aos livros *Feliz ano velho* e *Ainda estou aqui*, ambos de autoria de Marcelo Rubens Paiva. Essas passagens contam a história da prisão de Rubens Paiva e falam sobre Eunice, mãe de Marcelo, que se tornou a completa responsável pela família e atualmente sofre do Mal de Alzheimer.

Palavras chave: Marcelo Rubens Paiva. Memória. Narrativa. Ditadura.

OBJETIVOS:

- Analisar as questões ligadas à memória e biografia nas narrativas das duas obras;
- Comparar as cenas em comum considerando como são descritas;
- Observar a mudança do narrador e as diferentes formas de contar o mesmo relato.

METODOLOGIA:

Leitura, fichamento e análise comparativa das passagens em comum aos dois livros.

INTRODUÇÃO:

O livro *Feliz Ano Velho* traz descrições mais breves sobre a história de Rubens Paiva, preso político na época da ditadura. Já em *Ainda estou aqui*, trinta e três anos depois, há mais informações sobre o que de fato aconteceu com Rubens Paiva quando foi dado como desaparecido. Em ambos os livros a memória é o guia para percorrer essas histórias. O falar através da narrativa também é uma forma de deixar registrado e de fazer com que algo não seja perdido. Em um momento que Eunice está perdendo sua memória e que Rubens Paiva não foi o único, mas sim um dos desaparecidos, deixar o que aconteceu registrado é uma forma de não esquecer; é além de tudo uma memória coletiva. As passagens dos dois livros no que dizem respeito a esse episódio lembram não apenas Rubens Paiva, mas vários outros que tiveram suas vidas afetadas pelas tentativas de apagar e pelo apagamento de fato de pessoas contrárias ao regime imposto.

ANÁLISE DAS OBRAS:

"Minha mãe chamou-me num quarto e me mandou entregar uma caixa de fósforos pra Helena, que mora perto, mas fazendo o possível pra não ser visto por ninguém. Fui pro banheiro da empregada, subi no telhado, pulei o muro da vizinha, corri pra rua e voei pra casa da Helena com a caixa apertada na mão. Chegando lá, hesitei em tocar a campainha. Abri a caixinha e vi um papelzinho dobrado:

O RUBENS FOI PRESO, NINGUÉM PODE VIR AQUI, SENÃO É PRESO TAMBÉM.

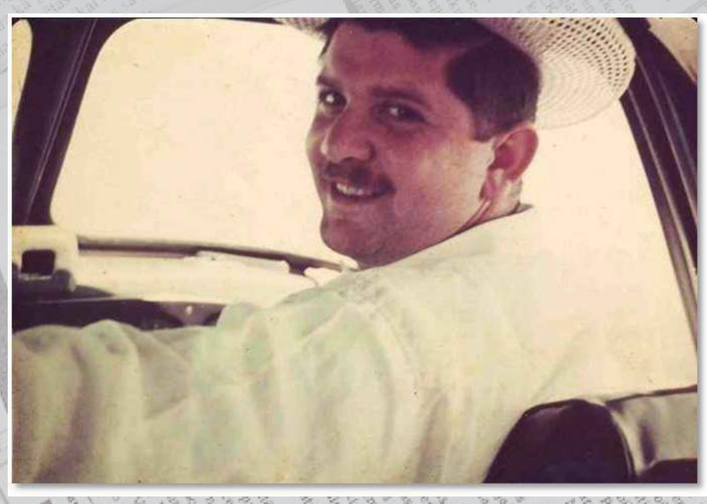
Minhas pernas tremeram. Que loucura, preso, mas por quê? Toquei a campainha, entreguei o bilhete e voltei pra casa preocupado." (PAIVA, 2006, p.75).

"Minha mãe viu tudo aquilo e teve a ideia. Me fez subir com ela no quarto, como se fosse me dar uma dura. Me perguntou como consegui sair. Caminhando. Por onde? Pela garagem. Escreveu um bilhete pequeno, colocou numa caixa de fósforos e pediu para eu entregar à vizinha, Helena, e que ninguém me visse. Pelo tom de voz, senti que era uma ordem não questionável e uma missão facílima de ser realizada, garoto. Nem pensei duas vezes. Poderia pular de um muro para o outro, mas eu seria visto. Priorizei a segurança e a eficiência da minha primeira ação efetiva contra a ditadura. Nossa casa ficava na esquina da Almirante Pereira Guimarães com a Delfim Moreira. O portão de entrada era na Guimarães. O da garagem, na Delfim Moreira. O endereço era Delfim Moreira, 80. Existe ainda. Não a casa, o endereço, um prédio preto, de poucos andares, construído no boom imobiliário que desfigurou o Leblon dos anos 80. Um edifício escuro, que lembra um caixão, com um jazigo, uma pedra preta em frente, e que ficou anos em reforma, corroído pela maresia. Sei porque toda vez que passo em frente dou uma boa olhada. Olá, antiga casa. Olá, antigo garoto. Fui pela Afrânio de Melo Franco, que tinha uma turma da pesada, a mais violenta do bairro [...] Entrei na San Martin. Já fui assaltado uma vez ali.[...] Entrei correndo pela Almirante. Passei pela casa dos meus amigos sem parar. Passei voando pelo predinho em que morava Fabinho, cruzei a Kombi que nos levava ao Maracanã [...] Fui desacelerando, encostado nos muros das casas, passei pela garagem do Eltes, que servia de gol e cuja vidraça quebrei umas cinco vezes com o poder do meu chute. [...] Então toquei a campainha, abri a caixa e li o bilhete. Veio a Helena, tia Helena, mulher do Eltes. Minha mão tremia. Minha mãe pediu para te entregar isso. Entrega a caixa e corre! Tentando entender o que estava escrito num bilhete dobrado num papel de pão: "Rubens foi preso, ninguém pode vir aqui, senão é preso também". Cena de que a memória guardou detalhes, segundo a segundo, do ritmo cardíaco à temperatura do asfalto, da brisa quente do mar, do tempo que tia Helena demorou, da sua surpresa ao me ver e ao ver meu desespero. Rubens foi preso. Por quê? O que ele fez? Ninguém pode vir aqui, senão é preso também." (PAIVA, 2015, p.75).

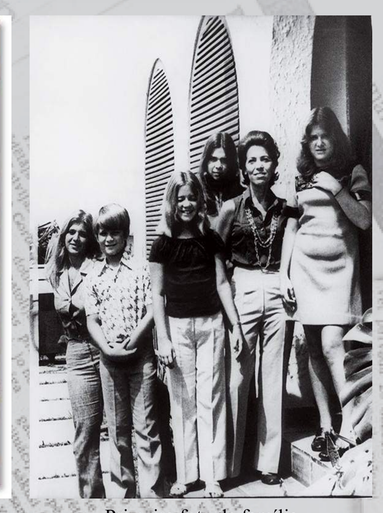
"Minha mãe é dessas figuras fortíssimas, que transmitem uma segurança incrível. Sabia que ela estava sofrendo pra burro por ver o filho todo estourado. O que minha mãe já passou na vida a fez ter essa cara de segurança em qualquer momento trágico. Você já imaginou uma mãe de cinco crianças ter a sua casa invadida por soldados armados com metralhadoras, levarem seu marido sem nenhuma explicação e desaparecerem com ele? Já imaginou essa mãe também ser presa no dia seguinte, com sua filha de 15 anos, sem nenhuma explicação? Ser torturada psicologicamente e depois ser solta sem nenhuma acusação? Já imaginou essa mãe, depois, pedir explicações aos militares e eles afirmarem que ela nunca fora presa e que seu marido não estava preso? Procurar por dois anos, sem saber se ele estava vivo ou morto. Ter que, aos 40 anos de idade, trabalhar para dar de comer a seus filhos, sem saber se ainda era casada ou viúva. É duro, né? Nem Kafka teria pensado em tamanho absurdo." (PAIVA, 2006, p. 40).

Eunice e Rubens Paiva

"De dia ia para a rua XV de Novembro, sede da firma. Em casa, no quarto, trancada no escuro, chorava todas as noites, chorava sozinha, sem que nos déssemos conta. Não queria que percebêssemos, mas que tivéssemos uma infância e adolescência sem âncoras na alma, que tocássemos a vida, os estudos, que tivéssemos amigos, namoradas. Não repartiu sua dor com ninguém. Não sei julgar se estava certa ou errada. Era seu jeito de ser. Desde menina, a italianinha não repartia seus sentimentos felizes ou dolorosos com ninguém. Superar? Impossível. Esquecer? Nem pensar. Tocar. Seguir" (PAIVA, 2015, p.108).



Rubens Paiva



Primeira foto da família após a prisão de Rubens Paiva

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Contar histórias de vida envolve muitos aspectos, incluindo a escolha da voz da narrativa e o uso de lembranças e memórias para imprimir uma ordem mais lógica de fatos na linha do que está sendo relatado. De acordo com Benjamin (1996, p. 210) "A memória é a mais épica de todas as faculdades." (p. 210). Nas passagens em comum a *Feliz Ano Velho* e *Ainda estou aqui* essa relação da memória com o papel do narrador ficam claras, assim como o amadurecimento do mesmo com o passar do tempo.

REFERÊNCIAS:

BENJAMIN, Walter. *Magia, técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 183-191.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2004.

PAIVA, Marcelo Rubens. *Ainda estou aqui*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2015.

PAIVA, Marcelo Rubens. *Feliz ano velho*. São Paulo: Brasiliense, 2006.